

Aloglossia e Diacronia: motivações para erros por substituição no *Libro dell'Abate Isaac di Siria*

Dialectal influence and Diachrony: motivations to substitutions errors in Libro dell'Abate Isaac di Siria

Recebido em 02 de dezembro de 2016. | Aprovado em 06 de fevereiro de 2017.

DOI: <http://dx.doi.org/10.24206/lh.v2i2.10005>

Cynthia Elias de Leles Vilaça¹

Resumo: Neste artigo, apresenta-se uma análise dos padrões de erro por substituição encontrados na transmissão do tratado ascético medieval *Libro dell'Abate Isaac di Siria*, a partir da edição crítica desse texto, preparada por Vilaça (2012). Considerando que os testemunhos utilizados no processo de estabelecimento do texto crítico não são todos da mesma época e provêm de localidades diferentes da Itália, o principal intuito deste trabalho foi o de especular possíveis relações entre erros por substituição e casos de aloglossia ou de diacronia. Para isso, selecionaram-se apenas as substituições em nível morfológico e as por sinonímia, as quais tendem ser voluntárias e podem revelar influências do dialeto do responsável pela reprodução do texto ou de seu estado de língua.

Palavras-chave: erros por substituição; aloglossia; diacronia; edição crítica; Isaac de Nínive.

Abstract: In this article, we present an analysis of the substitution error patterns found in the transmission of the medieval ascetic treatise *Libro dell'Abate Isaac di Syria*, from the critical edition of this text, prepared by Vilaça (2012). Considering that the testimonies used in the process of establishing the critical text are not all from the same period and come from different locations in Italy, the main purpose of this work was to speculate possible relations between substitution errors and cases of dialectal influence or diachrony. For this, we select only morphological and synonymous substitutions, which tend to be voluntary and may reveal influences of the dialect of the person responsible for the reproduction of the text or of its state of language.

Keywords: substitutions errors; dialectal influence; diachrony; critical edition; Isaac of Nineveh.

¹ Cynthia Elias de Leles Vilaça é doutora em Linguística Teórica e Descritiva pela Universidade Federal de Minas Gerais, com estágio na Università degli Studi di Roma Tre. Atualmente atua como professora adjunta no Setor de Filologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. cynthiavilaca@gmail.com.

Introdução

Na trajetória de mais de dois milênios de práticas hoje identificadas como crítica textual, alguns pesquisadores se dedicaram ao estudo dos erros havidos no processo de transmissão dos textos com objetivo de classificá-los de acordo com sua natureza. Blecua (1990, p. 19-30), em seu *Manual de crítica textual*, menciona três tipologias de erros, quais sejam:

- a) a que se baseia nas quatro categorias modificativas aristotélicas: adição (lat. *adiectio*), omissão (lat. *delectatio*), alteração da ordem (lat. *transmutatio*) e substituição (lat. *immutatio*);
- b) a que os classifica como visuais, mnemônicos, psicológicos ou mecânicos; e
- c) a que os descreve como erros de leitura, de memorização, de ditado interior ou de execução manual (revisão da segunda tipologia, proposta por Roncaglia (1975, p. 104)).

Ainda no referido manual, Blecua apresenta sua própria proposta para a tipologia de erros, a qual ele exemplifica com testemunhos espanhóis do *Libro de Buen Amor*. Partindo da categorização aristotélica, o autor propõe subcategorias que descrevem o erro (ex.: “omissão de um fonema ou de uma letra”) ou esclarecem sua motivação (ex.: “substituição de uma palavra ou frase por outra da períclope imediata ou próxima”).

Com o objetivo de estabelecer reflexões sobre o que há de universal e de particular no processo de transmissão dos textos, Cynthia Vilaça (2017) realizou uma análise qualitativa e quantitativa dos erros encontrados na transmissão do tratado ascético medieval *Libro dell'Abate Isaac di Siria* (doravante, *LAIS*), a partir da edição crítica (EC) desse texto, estabelecida por ela em 2012. Nesse trabalho, a autora comparou os resultados obtidos com os apresentados por Cambraia e Laranjeira (2010) com base na tradição latina desse mesmo tratado. De uma forma geral, Vilaça notou mais identidades do que disparidades ao comparar os dados das duas tradições.

Em sua análise, Vilaça (2017) tomou como amostra os sete primeiros capítulos da EC, os quais se compõem de 4.211 palavras (cerca de 10% do texto integral). Nesse excerto, foram encontrados 449 lugares-críticos e 935 variantes, excluídos os erros óbvios, as divergências relativas à ilegibilidade em um dos quatro testemunhos colacionados e as diferenças estritamente gráficas ou fônicas, já que o objetivo de sua pesquisa foi avaliar o impacto de cada tipo de erro sobre o sentido do texto.

Considerando-se as quatro categorias modificativas aristotélicas, a autora constatou que os erros por substituição são os mais frequentes na tradição do *LAIS*, correspondendo a 64% (311/486) das variantes com erro identificadas no excerto da edição crítica analisado. O segundo tipo de erro mais frequente é a omissão (17,9%), seguido pela adição (12,8%) e pela alteração de ordem (5,3%).

A diversidade dos padrões de erros por substituição fomentou a pesquisa que aqui será apresentada. Esses padrões foram agrupados por Vilaça (2017) em três categorias: (i) substituição em nível morfológico, (ii) substituição por sinônimo e (iii) substituição por item formalmente semelhante. Reunidas, essas categorias representam 84,2% (262/311) dos erros por substituição.

No presente trabalho, interessam as duas primeiras categorias, uma vez que os erros que encerram podem ser de natureza voluntária e constituir casos de aloglossia ou de diacronia. As modificações relativas à aloglossia se devem à influência do dialeto do responsável pela cópia do texto ou pela composição tipográfica; as relacionadas à diacronia correspondem a situações em que o responsável pela reprodução do texto fala uma determinada língua e transcreve texto de outra época dessa mesma língua (cf. CAMBRAIA, 2005, p. 80).

Nesse sentido, as análises dos erros por substituição em nível morfológico e por sinônimo serão precedidas por informações acerca do lugar de origem e da datação dos testemunhos colacionados no processo de estabelecimento do texto crítico. Ademais, se fará uma breve descrição da tradição direta do *LAIS* e da relação genealógica entre alguns dos testemunhos que compõem tal tradição.

1. Tradição do Libro dell'Abate Isaac di Siria

Libro dell'Abate Isaac di Siria é o título frequentemente atribuído à tradução italiana de um trecho da obra de Isaac de Nínive (ou Isaac, o Sírio), monge da Igreja Siro-Oriental nascido em Bet Qatraye (no atual Qatar) no sétimo século da era cristã. Escrita originalmente em siríaco, língua semítica do ramo aramaico, a obra de Isaac foi traduzida e copiada abundantemente em línguas pertencentes a várias famílias durante a Idade Média e nos séculos seguintes.

O processo de transmissão da obra do anacoreta foi muito complexo. De acordo com Miller (1984, p. LXXVII), os textos de Isaac teriam sido transmitidos a partir do siríaco por meio de duas famílias: a oriental e a ocidental. Cerca de um século após a morte de Isaac, entre o fim do século VIII e o início do século IX, parte de seus escritos (68 dos 82 capítulos da *Primeira Compilação*) teriam sido traduzidos para o grego por dois monges — Patrikios e Abramios — do mosteiro de Mar Sabbas, na Palestina, a partir de algum manuscrito do ramo siríaco ocidental (MILLER, 1984, p. XCIV-LXXXV). Entre os séculos X e XIII, uma parte do texto em grego (26 dos 68 capítulos) teria sido traduzida para o latim (CHIALÀ, 2002, p. 356). A partir do latim, houve numerosas traduções para línguas românicas durante a Idade Média: para o romance nascente italiano de base florentina, possivelmente, no século XIV; e, para outras línguas desse grupo (francês, catalão, espanhol, português e romeno), nos séculos XV e XVI (cf. discussão em Vilaça (2012, p. XXII-XXVIII)).

Entre as tradições românicas da obra do ninivita, a italiana é a que possui o maior número de testemunhos (manuscritos e impressos) conhecidos, fato que evidencia sua grande difusão na Itália. Os manuscritos italianos mais antigos de que se tem notícia são datáveis da primeira metade do séc. XIV. Entretanto, a origem da maioria deles é desconhecida; sabe-se apenas que pertenceram a mosteiros, igrejas, religiosos, nobres e eruditos antes de passarem a compor o acervo das bibliotecas onde se encontram atualmente.

A tradição direta do LAIS, amplamente investigada por Vilaça (2004, 2006, 2007, 2008, 2012, 2014), encontra-se distribuída em 31 testemunhos: 25 manuscritos² e 6 impressos. Dos 25 manuscritos, sete pertencem ao século XIV e se localizam em Florença ou Veneza; 17 são do século XV e se encontram em Florença, Perúgia, Siena, Veneza, Vicenza, Pádua e Oxford; e um é do século XVI e está na Filadélfia³. Os seis impressos do LAIS foram publicados em: Veneza, 1500; Florença, 1720; Milão, 1839 (baseado na edição de 1720); Roma, 1845 (baseado em quatro testemunhos: um manuscrito de 1454, os impressos de 1500 e 1720, e o impresso latino de 1506); Milão/Nápolis, 1954 (apenas dois capítulos: um deles, transcrito do manuscrito senês Chigiano 2458; o outro, dos impressos de 1720 e 1845); Torino, 1957 (baseado no impresso de 1845). Em 1984, Gallo e Bettiolo publicaram uma tradução de parte do LAIS, feita a partir do texto em siríaco⁴.

Embora Buonaventuri (1720, p. viii) tenha sugerido a existência de mais de uma tradução para o vulgar italiano, o processo de colação que conduziu ao estema apresentado por Vilaça (2012, p. CXXXI) revelou que a tradição italiana remonta a uma única e mesma tradução, da qual proviriam todos os testemunhos manuscritos supérstites consultados. Veja-se, a seguir, a reprodução do referido estema:

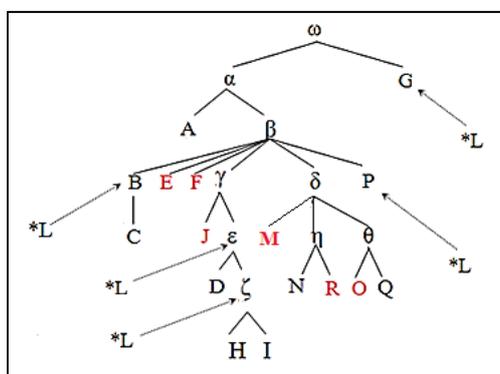


Figura 1. Estema. Fonte: VILAÇA, 2012, p. CXXXI.

² Há notícias de outros dois manuscritos ainda não localizados: o *Chigiano 2458* (L. IV. 124 – Siena, sec. XIV), citado por De Luca (1954, p. 585); e o do abade Paolo Zanotti (ano 1454), mencionado pelo editor do impresso de 1845.

³ Para referência completa sobre datação e localização desses manuscritos, cf. TABELA 1 em Vilaça (2017).

⁴ As referências bibliográficas dos impressos italianos encontram-se em seção à parte, ao final deste artigo.

Tendo em conta esse estema, todos os testemunhos colacionados, com exceção de C (descrito em relação à B), são importantes para o processo de reconstrução do arquétipo (ω) da tradução italiana do texto de Isaac. No entanto, Vilaça não pôde trabalhar com todos eles, devido a impedimentos circunstanciais, particularmente: tempo para a conclusão do doutorado e impossibilidade de acesso a todos os testemunhos durante o inteiro período de pesquisa. Sendo assim, foram selecionados apenas quatro testemunhos para a realização do mencionado processo: os manuscritos A, B e G, e a edição *princeps* (P), publicada em Veneza no ano 1500.

A escolha do manuscrito A é justificada sobretudo pela sua antiguidade: de acordo com Gramigni (2004, p. 15), esse testemunho teria sido copiado entre 1326 e 1338. O testemunho B, que também figura entre os mais antigos, foi selecionado pela sua importância como texto-base da tradição impressa do LAIS a partir de 1720. Já o manuscrito G foi eleito por ocupar a posição mais alta no estema. Finalmente, o impresso P foi escolhido por ser a edição *princeps* do LAIS e por sua antiguidade em relação às demais edições desse texto, tendo sido publicada em um período muito próximo ao da cópia de muitos dos testemunhos manuscritos. Além disso, é importante ressaltar a eleição do manuscrito A como texto-base da EC, a qual levou em conta principalmente os critérios de antiguidade e qualidade.

A fim de fundamentar a análise dos erros por substituição encontrados na EC e formular hipóteses acerca de sua motivação, na próxima seção, serão apresentadas notícias sobre a datação e a história de cada um dos testemunhos italianos utilizados no processo de estabelecimento do texto crítico.

2. Descrição codicológica dos testemunhos colacionados na edição crítica

Registram-se a seguir informações sobre os testemunhos manuscritos A, B e G, todos atualmente pertencentes ao acervo da Biblioteca Riccardiana di Firenze (BRF), em Florença. Para cada testemunho, mencionam-se as propostas de datação e descreve-se a sua história (identificações, possuidores e lugar de origem). Na sequência, há uma breve descrição bibliográfica da edição *princeps* P. Esses dados são seguidos por uma síntese acerca do lugar de origem e da datação dos testemunhos, elementos particularmente relevantes para a pesquisa apresentada neste trabalho.

A: BRF, códice Ricc. 1384, ff. 1r-21v

Datação	<p>- ff. 1r-21v (LAIS, dividido em 51(?) capítulos [códice mutilado]):</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Séc. XIV (<i>Inventario e Stima della Libreria Riccardi</i>. 1810; MORPURGO, 1900). ▪ Entre 1326 e 1350 (GRAMIGNI, 2004, p. 15). ▪ Entre 1326 e 1338 (segundo Gramigni (2004, p. 197), o trecho <fachesi sappi chelannno diquesta ruota comincia adi xxv di março 1338> (f. 22v4) “faça com que se saiba que o ano desta rota começa no dia 25 de março de 1338” constituiria um <i>termine ad quem</i>, isto é, o Ricc. 1384 teria sido copiado antes de março de 1338).
História	<p>IDENTIFICAÇÕES: 750 da Biblioteca privada do marquês florentino Gabriello Riccardi (cota registrada na guarda anterior IVr) > Ricc. 1384 da BRF.</p> <p>POSSUIDORES: (?) > Marquês Gabriello Riccardi⁵ (Firenze, 1705-1798) > BRF. Este códice corresponde ao manuscrito que Buonaventuri (1720, p. IX) nominou 3^o ms. Riccardi e descreveu como faltoso no princípio⁶ e semelhante ao ms. Bargiacchi (B = cód. Ricc. 1489 da BRF).</p> <p>LUGAR DE ORIGEM: Toscana (segundo Gramigni (2004, p. 15), com base em noções linguísticas).</p>

⁵ Buonaventuri (1720, p. vi) afirma ter consultado três manuscritos do Marquês Cosimo (e não Gabriello) Riccardi. São eles: Ricc. 1352 (1^o ms. Riccardi); Ricc. 2623 (2^o ms. Riccardi); Ricc. 1384 (3^o ms. Riccardi).

⁶ De fato, como bem observou Gramigni (2004, p. 197, nota 255), o códice não contém o habitual prólogo sobre a vida de Isaac.

B: BRF, códice Ricc. 1489, ff. 10r-155v

<i>Datação</i>	<p>- ff. 10r-155v (<i>LAIS</i>, dividido em 51 capítulos)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Séc. XV (<i>Inventario e Stima della Libreria Riccardi</i>: Manoscritti e Edizioni del Secolo XV, 1810; RIGOLI, ca. 1794-1810). ▪ Séc. XIV (BUONAVENTURI, 1720, p. vi (ao usar a expressão “buon secolo”); MORPURGO, 1900; LOPEZ, 1913; SCURICINI GRECO, 1958, p. 227). ▪ Fim do séc. XIV - início do séc. XV (LAZZI, 1999, p. 257). ▪ Fim do séc. XIV (GIOVÈ; ZAMPONI, 1997). ▪ Meados do séc. XIV = 1341-1360 (GRAMIGNI, 2004, p. 15; MANNI, 1735, p. XV; FRUGONI, 2006, p. 148). ▪ Ano 1350 (MANNI, 1735).
<i>História</i>	<p>IDENTIFICAÇÃO: <i>Ricc. 1489</i> da BRF.</p> <p>POSSUIDORES: (?) > Carlo Dati (Firenze, 1619 – Firenze, 1676)⁷ [posse mencionada na nota presente no f. 1r e registrada pelo possuidor, que anotou seu nome acadêmico (“Smarrito”) na margem de pé do f. 4r] > Abade Niccolò Bargiacchi > BRF.</p> <p>Quando ainda de posse do Abade Bargiacchi, este códice foi consultado Buonaventuri (1720, p. vi-vii) e por ele eleito como texto-base para a edição do <i>LAIS</i> publicada em Florença, em 1720. No prefácio dessa edição, Buonaventuri o identifica como <i>ms. Bargiacchi</i>, assegurando ser este o melhor testemunho, o mais correto e o mais antigo de todos os que ele tinha à disposição.</p> <p>LUGAR DE ORIGEM: Florença ou Pisa (?)</p> <p>Manni (1735, p. XV) supõe que esse códice tenha sido copiado por um pisano (e não por um florentino), devido à presença de desinências em <-i> em muitas palavras que os florentinos terminariam em <-e>. Já Scuricini Greco (1958, p. 228) assegura que as miniaturas presentes no códice o incluem na escola florentina do século XIV, mas ressalta que a imitação da miniatura do fólio 9v (São Francisco recebendo os estigmas)⁸ remete a contatos com a pintura da época e mais particularmente com quadros feitos em Pisa. Entretanto, para Lazzi (1999, p. 257), a presença dos santos Zanobi e Reparata na ladainha (ff. 156r-159v), as características do colorido linguístico e – em menor escala – do estilo da decoração sugerem que o códice tenha sido produzido em ambiente florentino.</p>

G: BRF, códice Ricc. 1345, ff. 1r-58r, ano 1406

<i>Datação</i>	<p>O <i>Ricc. 1345</i> é um compósito, formado por três códices diferentes.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Códice I (ff. 1r-58r): <i>LAIS</i>, dividido em 53 capítulos. <p>O texto de Isaac teve a sua cópia concluída em 26 de dezembro de 1406 (manhã de Santo Stefano), data registrada pelo próprio copista, Giovanni di Lionardo di Stolto Frescobaldi, no f. 58r.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Códice II (ff. 59r-157r): provavelmente copiado em 1414. ▪ Códice III (ff. 158r-207v): não apresenta datação explícita.
----------------	--

⁷ Carlo Roberto Dati foi secretário da Accademia della Crusca (fundada em 1582-1583), tendo promovido a terceira edição do *Vocabolario* (que seria publicada em 1691) e escrito um *Discorso dell'obbligo di ben parlare la propria lingua* (1657), no qual defendia rigidamente a primazia do florentino em relação aos demais dialetos italianos (cf. estas e outras informações sobre Carlo Dati e sua obra em IMSS (2006)).

⁸ De acordo com Lazzi (1999, p. 257), o *LAIS* (identificado pela autora como *Collationes* do Abade Isaac) teve muito êxito no ambiente franciscano, principalmente a versão constante do cód. *Ricc. 1489* da BRF, que a autora assegura ter sido traduzida pelo militante franciscano Angelo Clareno, também sugerido como tradutor da versão latina a partir do grego.

IDENTIFICAÇÕES: 726 da Biblioteca do Marquês Gabriello Riccardi (BARTOLETTI, 2009, p. 137) > **Ricc. 1345** da BRF.

POSSUIDORES:

- Giovanni di Lionardo di Stolto Frescobaldi⁹ (copista e possuidor) > Anton Maria Salvini (Firenze, 1653 – 1729)¹⁰, a quem são atribuídas as anotações marginais presentes no códice (MORPURGO, 1900) > Marquês Gabriello Riccardi (Firenze, 1705 – 1798), desde 1729 (ano da morte de Salvini) > BRF.

Quando ainda de posse de Anton Maria Salvini, este códice teria sido consultado por Buonaventuri (1720, p. viii) para a preparação da edição do *LAIS* publicada em Florença, em 1720 (BUONAVENTURI, 1720). Segundo Buonaventuri, a versão do *LAIS* presente neste códice seria inferior à dos códices *Ricc. 1489* da BRF (B) e outros dois não usados na EC do *LAIS*, e possuiria muitas lacunas e transposições de palavras, parecendo ter origem em outra tradução.

História

LUGAR DE ORIGEM: Florença.

De acordo com De Robertis e Miriello (1999, p. 36) e Miriello (2007, p. 151), os códices I e II tiveram como suporte material a mesma reserva destinada aos usos de algum local, como demonstra a numeração em cifras romanas presente (em vertical) ao longo da margem externa dos fólhos. A presença da filigrana símile à BRIQUET 7347 (Florença, ano 1341) nessas duas seções e a sua ausência na terceira seção ratifica a afirmação das autoras. Considerando, pois, que o segundo códice foi copiado em um mosteiro florentino, é possível supor que também o texto da primeira seção tenha sido copiado em Florença.

Os autores do *Repertorio di testi e manoscritti, secoli XIII-XV* (BIBLIOTECA AGIOGRAFICA ITALIANA, 2003) também indicam Florença como lugar de origem do cód. *Ricc. 1345*.

A edição *princeps* do *LAIS*, intitulada *Il Libro de l'Abate Isaac de Syria de la Perfectione de la Vita Contemplativa*, foi publicada em 1500 por Bonetum Locatellum Presbyterum. O texto foi gravado em caracteres de tipo gótico e organizado em 52 capítulos. Embora considerado “muito raro” (ZAMBRINI, 1929, p. 525), sabe-se haver exemplar desse testemunho: na Bibliothèque Nationale de France (cota: D- 80067); na Biblioteca Nazionale Napoletana (cota: II.A.5); nas bibliotecas americanas BMawrCL (Bryn Mawr College, Marjorie Goodheart Medieval Library, Bryn Mawr PA), BPubL (Boston Public Library, Boston, Mass), LC (Library of Congress, Rare Book Division, Washington DC), YUL (Yale University Library, New Haven CT); e na B. M.¹¹, com cota 4404.d. Descrições dessa edição podem ser encontradas em Reichling (1905, p. 157), Copinger (1950, p. 335) e Goff (1973, p. 333). Vilaça (2004) preparou uma edição paleográfica desse testemunho.

Conforme as informações referidas nesta seção, dos quatro testemunhos selecionados para a reconstituição do arquétipo do *LAIS*, três foram copiados na Toscana: o ms. A (não se sabe em qual cidade da Toscana), o ms. B (em Florença ou Pisa) e o ms. G (em Florença). Apenas a edição P foi preparada em Veneza. Quanto à datação, há notação explícita para G, copiado em 1406, e para P, publicado em 1500. Já os testemunhos A e B receberam propostas de datação variadas: para A, a mais específica foi a de Gramigni (2004, p. 197), para quem a data da cópia terá sido entre 1326 e 1338; para B, a proposta mais precisa é a de Manni (1735), que propõe o ano de 1350. Ademais, o exame de características codicológicas e paleográficas e linguísticas realizado por Vilaça (2012, p. CXXXIX-CXLVI) revelou que: (i) A foi copiado no segundo quarto do século XIV; (ii) o século XIV é o *temine ad quem* para a cópia de A e B; (iii) A é linguisticamente mais antigo do que B.

⁹ O sobrenome Frescobaldi sugere a possível origem florentina do copista.

¹⁰ De acordo com Pini (1975, p. 29-72), Anton Maria Salvini foi notado por conhecer línguas, destacando-se como tradutor, comentarista e editor. Após alguns anos de exercício de sua profissão de advogado, obteve, em 1677, a cátedra de “Lettere greche” (antes ocupada por Carlo Dati) no Studio Fiorentino.

¹¹ A sigla B. M., citada por Copinger (1950, p. 335), não foi identificada.

3. Análise dos erros de substituição em nível morfológico e por sinônimo

Como já assinalado na introdução deste trabalho, os erros por substituição encontrados nos sete primeiros capítulos da EC do LAIS caracterizam-se por uma grande diversidade de padrões. A fim de organizar o processo de análise dos dados encontrados, Vilaça (2017) propôs uma classificação dos padrões com maior número de variantes em três categorias: (i) substituição em nível morfológico, a mais frequente (116/311 ocorrências – 37,3%); (ii) substituição por sinônimo, segunda mais frequente no excerto (75/311 ocorrências – 24,1%); e (iii) substituição por item formalmente semelhante, um pouco menos frequente do que a anterior (71/311 ocorrências – 22,8%).

De natureza involuntária, as substituições por itens formalmente semelhantes são, via de regra, motivadas pela dificuldade do responsável pela reprodução do texto em relação à leitura do modelo. Por se relacionarem diretamente às circunstâncias de reprodução (habilidade de leitura do copista/editor/tipógrafo, características paleográficas e grau de conservação modelo), os erros aí enquadrados não se relacionam a questões de diferença dialetal ou diacrônica entre a língua do responsável pela reprodução do texto e a língua do texto. Considerando, pois, que o presente trabalho busca investigar a relação entre os erros por substituição e fenômenos de aloglossia e diacronia, os padrões que Vilaça alocou nessa categoria não serão tratados aqui. Nesse sentido, esta seção organiza-se em duas partes principais, as quais correspondem às duas outras categorias.

3.1 - Substituições em nível morfológico

Vilaça (2017) inseriu nessa categoria os casos de substituição que envolviam:

(i) presença ou ausência de artigo ou preposição em uma variante (ex.: *in* “em” > B: *nel* “no”; *ai* “aos” > G: *a* “a”; *la* “a” > B: *all* “à”; *al* “ao” > G: *ll* “o”/P: *ad* “a”);

(ii) flexão:

- de gênero (ex.: *animo tuo* “ânimo teu” > B: *anima tua* “alma tua”);
- de número (ex.: *saranno* “serão” > B: *sara* “será”, *le sollecitudini* “as preocupações” > B: *la sollicitudine* “a preocupação”);
- de modo (ex.: *muove* “move” [indicativo] > B: *muova* “movas” [subjuntivo]);
- de tempo (ex.: *ha acquistata* “conquistou” [*passato prossimo* “passado próximo”] > A: *acquista* “conquista” [presente]); e
- de pessoa (ex.: *aveano* “tinham” [3ª p. pl. imperfeito indicativo] > BG: *auemo* “temos” [1ª p. pl. presente indicativo]);

(iii) derivação (ex.: *saviamente* “sabidamente” [advérbio] > B: *sauio* “sábio” [adjetivo]; *somitade* “sumidade” [substantivo] > B: *sommo* “sumo” [adjetivo];

(iv) formas historicamente relacionadas (ex.: presente subjuntivo singular do verbo *essere*: *sie* > B: *sii* /G: *sia* “seja”).

Graças à pequena saliência fônica, gráfica e, por vezes, semântica, as variantes pertencentes ao grupo (i) não podem ser usadas como indicativos de preferências dialetais ou relacionadas a períodos diferentes da história do italiano. Vejam-se dois exemplos de lugares-críticos contendo variantes dessa natureza: (1) *Sappie ke perdonare i debiti a [B: ai, P: ali] debitori è dell'opere della giustizia*. (EC: 2.5)¹² [“Sabe que perdoar os débitos a [BP: aos] devedores é [parte] das obras da justiça.”]; (2) [...] *quando tu sarai salito la [B: ala] via della giustizia [...]* (EC: 2.7) [“[...] quando tu tiveres subido/construído o [B: ao] caminho da justiça [...]”]. Como observaram Cambraia e Laranjeira (2010, p. 32), casos como esses podem se sobrepôr a ocorrências de adição ou de omissão, uma vez que a substituição de um morfema-zero por um morfema com realização formal parece uma adição e o contrário, uma omissão.

¹² Neste artigo, as referências à edição crítica do LAIS (EC) serão acompanhadas do número da página e da linha onde se encontram, separados por um ponto (.).

Também as variantes que correspondem a diferenças de flexão (grupo "ii") não foram analisadas detidamente neste trabalho, visto que geralmente se relacionam ao contexto linguístico em que se encontram no LAIS: nos casos encontrados no excerto, a diferença de flexão ou não altera significativamente o sentido do texto ou parece sugerir erro óbvio. Em (3) [...] *accìò ke tu truovi la consolatione, la quale s'aprosimerà [G: aproxima] nell'anima tua.* (EC: 3.5) ["[...] a fim de que tu encontres a consolação, a qual se **aproximará [G: aproxima]** da tua alma."], por exemplo, a substituição em G da forma no tempo presente do indicativo pelo futuro desse mesmo modo não compromete o sentido do texto. Já em (4) [...] *accìò ke a · llui non vegnano [G: uengniamo] meno quelle cose [...]* (EC: 1.24) ["[...] a fim de que não lhe **faltem [G: faltemos]** aquelas coisas [...]"] parece haver um erro (óbvio?) de concordância com o sujeito de terceira pessoa plural *quelle cose*. Como se pode observar pelos exemplos, não é possível atribuir as variantes incluídas neste grupo a problemas de aloglossia ou de diacronia.

As substituições derivacionais foram encontradas apenas nos testemunhos B e G. Ei-las: (5) *saviamente* "sabiamente" > B: *savio* "sábio" (EC: 1.20); (6) *sophisticose* "sofisticadas" > B: *soffistiche* "sofísticas" (EC: 4.30); (7) *obscurata* "obscurecida" > B: *obscura* "obscura" (EC: 9.6); (8) *somitade* "sumidade" > B: *sommo* "sumo" (EC: 10.20); (9) *liberato* "liberado" > G: *libero* "livre" (EC: 3.15); (10) *maggiormente* "ainda mais" > G: *maggiore* "maior" (EC: 4.12); (11) *simigliante* "semelhante" > G: *assomigliante* "assemelhado" (EC: 8.29). Embora significativas do ponto de vista morfosintático e semântico, essas variantes também não revelam identidade dialetal dos responsáveis pela reprodução do texto. Caso tivessem entradas atestadas em períodos diversos da história da língua italiana, poderiam indicar problemas de diacronia no processo de transmissão do texto; entretanto, de acordo com os dicionários consultados, as variantes são coetâneas, todas são datadas do século XIII, com exceção de *soffistiche* (século XIV) e *sophisticose* (forma não dicionarizada).

Em contrapartida, as formas historicamente relacionadas são facilmente atribuíveis à diferença entre o estado de língua usado pelo responsável pela reprodução do texto e o estado de língua em que o modelo estava registrado. É fato incontestável o costume que os copistas (assim como tipógrafos e editores) das Idades Média e Moderna tinham de substituir formas antigas por formas que lhes fossem contemporâneas. Por essa razão, Vilaça (2012, p. CLII-CLIII) justifica sua opção por adotar as variantes morfológicas, sintáticas e lexicais mais antigas no processo de edição do LAIS, registrando, todavia, as variantes não adotadas no aparato crítico. No trecho da EC analisado, foram encontradas variantes morfológicas indicativas de períodos diferentes da história do italiano com relação ao tempo presente do modo subjuntivo e ao tempo *passato remoto* ("passado remoto"), pertencente ao modo indicativo.

Há um número considerável de variantes relativas ao presente do subjuntivo na EC. Sendo assim, convém explicitar aqui a relação histórica entre as formas encontradas. D'Achille (2007, p. 98-99) esclarece que as formas de subjuntivo presente italiano derivam das latinas (com a apócope das consoantes finais), de modo que, para o singular (sem distinção de pessoa), tem-se: a desinência *-a* (< lat. *-eam, -am, -iam*) para a segunda e terceira conjugações, ressaltando-se que a segunda pessoa singular era originalmente em *-e* (por ação palatalizante do *-s* final); e *-i* para a primeira, esta advinda de um *-e* (< lat. *-em: amet > ame → ami*) por analogia com a segunda pessoa. Com relação ao verbo *essere* "ser", no trecho da EC analisado, aparecem três formas para o singular do presente do subjuntivo, a saber: *sie, sii, e sia* "seja". Considerando a ressalva a respeito da forma original em *-e* para a segunda pessoa de verbos da segunda conjugação (grupo no qual o verbo *essere* se inclui), presume-se que a história da forma singular do presente subjuntivo de *essere* tenha sido: *sie > sii > sia* (*sie* + *-a*, desinência de subjuntivo difundida a todas as formas do singular dos verbos da segunda e terceira declinações). Por analogia, a forma de 3ª pessoa plural *sieno* teria passado a *siano*.

No excerto da EC, as variantes se distribuem em quatro padrões: (i) AP: *sie*, B: *sii*, G: *sia*, o mais frequente (EC: 4.33, 5.6, 5.19, 5.22 e 5.35); (ii) A: *sie*, B: *sii*, GP: *sia* (EC: 5.33); (iii) BG: *sieno*, AP: *siano* (EC: 5.19); e (iv) G: *sieno*, ABP: *siano* (EC: 8.13). Em resumo, é possível dizer que, no testemunho A, encontra-se presença absoluta da forma mais antiga de singular (*sie*) e da forma mais recente para o plural (*siano*). Em B, a forma intermediária de singular (*sii*) é a única encontrada no trecho, ao passo que o plural varia entre *sieno* e *siano*. Já no manuscrito G, a forma mais recente de singular (*sia*) e a mais antiga do plural (*sieno*) são preferidas. Em P, finalmente, há *sie* e *sia* para o singular (como prevalência da mais antiga) e apenas *siano* no plural. A partir desses dados, é possível estabelecer as seguintes conclusões: (i) a distribuição das formas de singular e plural nos testemunhos é bastante dispar; (ii) os testemunhos A e B são os que fizeram menos modernizações nas formas de subjuntivo em relação aos demais testemunhos (embora, em consulta à edição crítica e seu glossário, se tenha constatado a presença da forma *sia* em A e B); (iii) o testemunho G é o que faz mais modernizações nas formas de subjuntivo; (iv) o testemunho A possui a linguagem mais antiga (hipótese já registrada na seção anterior); (v) o testemunho B ocupa uma posição

intermediária entre A e G em termos de antiguidade da linguagem. Ainda com relação ao subjuntivo presente, há um caso referente ao verbo *seguitare* (“vir em seguida, por consequência”), no qual o testemunho P apresenta a variante mais antiga (em -e): (12) ABG: *seguitino*, P: *seguitenno* (EC: 3.24).

O *passato prossimo* é uma perífrase verbal, correspondente ao pretérito perfeito, composta pelos verbos auxiliares *essere* (“ser”) ou *avere* (“ter”), conjugados no indicativo presente, e o particípio passado do verbo lexical. Quando tal construção começou a aparecer, nos casos de combinação com *avere*, este tinha valor lexical e o particípio passado era interpretado como predicativo em relação ao objeto direto, isto é, concordava em gênero e número com este elemento, como em (13) *Chi non ha acquistata l'operazione corporale [...]* (EC: 1.11) [“Quem não tem conquistada [conquistou] a operação [ação relativa ao processo de conversão] corporal”]. Com o tempo, o verbo *avere* foi perdendo seu valor lexical e assumindo valor gramatical, de modo que o particípio passado que o acompanhava passou a não ser flexionado, apresentando uma única forma terminada em -o¹³. Portanto, a presença de concordância no particípio passado representa um estágio mais pretérito da língua¹⁴.

No excerto da EC em análise, os participios com concordância foram substituídas por formas neutras nos testemunhos A (2 ocorrências) e P (3 ocorrências). Vejam-se os casos: (14) *Coloro k'hanno vinta [A: uinto] la battaglia* (EC: 9.2) [“Aqueles têm vencida [venceram] a batalha”]; (15) *ha acquistata [P: acquistato] l'operazione* [traduzido no parágrafo anterior] (EC: 1.11); (16) *Molti hanno operate [P: operato] virtudi* (EC: 4.14) [“Muitos tem operadas virtudes [agiram com virtude]”]; (17) *quelle cose k'egli ha acquistate [AP: acquistato]* (EC: 2.9) [“aquelas coisas que ele tem conquistadas [conquistou]”]. Esses dados revelam a presença de modernizações da linguagem em A e P e, não obstante o escasso número de ocorrências no trecho, contestariam a reconhecida antiguidade do testemunho A em relação aos demais manuscritos comparados.

3.2 - Substituições por sinônimo

Erros de substituição por sinônimo são indiscutivelmente voluntários, pois presumem que o responsável pela reprodução do texto tenha entendido a lição presente no modelo. Esse tipo de substituição é bastante complexo. Ainda assim, foi possível distinguir dois padrões gerais dentro dessa categoria, quais sejam: (i) casos em que houve manutenção do número de itens originais (68/75 ocorrências) e (ii) casos de mudança no número de itens originais (7/75 ocorrências). Esses dois padrões serão descritos nas subseções seguintes.

3.2.1 - Substituições por sinônimo com manutenção no número de itens originais

Foram encontradas substituições por sinonímia com manutenção de itens originais nos testemunhos B, G e P. A seguir, se fará uma descrição acompanhada de comentários de quatro casos, considerados mais frequentes ou relevantes, encontrados em cada um desses três testemunhos.

Casos relativos ao testemunho B

No testemunho B, destacam-se quatro casos:

(i) as conjunções *imperò/però* (*che/ke*) (“por isso”; “no entanto”; “já que”) e *imperciò/perciò* (*che/ke*) (“por isso”, “porque”), ex.: (18) *Se vuogli seminare ai poveri semina delle propie cose; imperciò [B: imperò] ke se tu seminerai dell'altrui, saranno più amare ke çicanie* (EC: 2.11). [“Se queres semear aos pobres, semeia das próprias coisas; porque, se semeares das alheias, serão mais amargas do que discórdia.”].

No trecho da EC analisado, das 22 ocorrências de *imperciò*, B substituiu 11 por *imperò* (EC: 1.25, 2.11, 5.23, 6.18, 6.25, 6.28, 7.4, 8.14, 8.28, 8.31 e 10.3) e P, 3 (EC: 1.7, 4.6 e 8.28); ao passo que G substituiu apenas uma das ocorrências (EC: 1.7) por *perciò*. Ainda nesse excerto, a EC apresenta 9 ocorrências da forma *imperò*, a qual B substituiu por *imperciò* em 3 pontos (EC: 2.16, 5.25 e 7.1) e por *perciò* em 1 (EC: 1.21); já G faz substituição por *imperciò* em apenas uma ocorrência (EC: 7.9). *Perciò* não figura no excerto da EC usado como amostra e *però* aparece uma vez num ponto em que não há divergência entre A, B, G e P (cf. EC: 2.23). Portanto, B é o testemunho que mais apresenta substituições das conjunções referidas. Considerando a proximidade de

¹³ Em italiano contemporâneo, a referida concordância entre particípio passado e objeto direto só ocorre quando este se encontra na forma pronominal.

¹⁴ A respeito do processo de gramaticalização do verbo *avere*, veja-se Vilaça (2009).

seus significados e significantes, é possível dizer que o copista de B as entendia como verdadeiros sinônimos, substituindo uma por outra de forma não sistemática.

Além disso, todas as formas têm a primeira data de atestação no século XIII, dado que impede a identificação substituições modernizadoras do texto. Não foram encontradas, ademais, informações sobre a preferência de quaisquer das formas mencionadas por variantes dialetais; do que se conclui se tratarem de formas igualmente difundidas na Toscana e em Veneza.

(ii) as conjunções *e/et* (“e”) e *né* em frases negativas, ex.: (19) *Beato colui ke queste cose sa, et sta in solitudine, et [B: ne] non ondeggia in moltitudine d’opere [...]* (EC: 9.11) [“Bem-aventurado aquele que sabe estas coisas, e está em solidão, e [B: nem] não se agita em muitas obras [...]”].

Nas 19 frases negativas em que a conjunção aditiva *e/et* seguida do advérbio de negação *non* aparece no excerto texto crítico considerado, B a substituiu pela conjunção *né* (“nem”) em 10 ocorrências (EC: 6.26, 6.27-28, 8.12, 8.13, 8.16, 9.3, 9.4, 9.8, 9.11 e 10.16, acompanhado por P em 9.4) e a omite em uma (EC: 7.14). A dupla negação, vista como tendência da variedade popular da língua desde o latim vulgar (CAINELLI, 2007), pode caracterizar deslizos do copista de B, o qual ao ver a forma *e/et* acompanhada de *non*, a substituiu pela forma *né*, possivelmente empregada por ele no registro oral. Também neste caso, as substituições são mais frequentes em B e, provavelmente, não se devem à influência da variedade dialetal do copista nem a problemas de diacronia.

(iii) o uso da variante fônica *riguardare/reguardare* (*r(i)-* + *guardare*) em detrimento de *raguardare* [já extinta] (*r(i)-* + *agguardare*), ambas com significado de “considerar”; “estimar”; “olhar repetidamente”; “almejar”.

A forma *raguardare* só aparece em B como substituição a *guardare* (EC: 62.16). Em P, a variante iniciada por *ri-/re-* é maioria, há apenas dois casos de *raguardare* (note-se que somente neste testemunho a palavra é registrada com *-gg-*, fato que denotaria influência da etimologia latina ou — como já aventado por Vilaça (2012, p. XCV) — contaminação com testemunho latino); em A, a forma com *ri-* só figura uma vez (EC: 43.16) e em G, nenhuma. Também neste caso, a quase absoluta frequência da variante com *ri-* em B pode denotar que esse testemunho seja menos antigo do que A.

(iv) a substituição de *mammille* por *poppe* [“mamas”] (EC: 1.10).

Inicialmente, postulou-se que esse poderia ser um item denotativo de preferência lexical ligada ao dialeto do copista de B. No entanto, a forma *mammille* também aparece em B (fólio 40r); ademais, o registro de ambos os termos nos textos de Dante, Petrarca e Boccaccio no *Vocabolario degli Accademici della Crusca* sugere que os dois tenham sido usados na Toscana.

Os demais casos de substituição em B encontrados no trecho analisado são bastante pontuais e, muito provavelmente, não se relacionam à identidade dialetal de seu copista ou à datação do testemunho em relação aos outros.

Casos relativos ao testemunho G

No testemunho G, os quatro seguintes casos merecem comentário:

(i) a substituição de *come* (adv. “como”) por *sicchome* (conj. “já que”; em textos literários, adv. “(assim) como”), ex.: (20) *Imperò ke l’uomo dea a poveri [...] e ami il proximo come [G: sicchome] sé medesimo [...]* (EC: 2.16) [“Por isso o homem dê a pobres [...] e ame o próximo como si mesmo”].

Esse tipo de substituição aparece uma única vez no trecho da EC analisado [EC: 2.16] e se repete outra vez mais adiante [EC: 74.4]. Entretanto, em uma busca apurada do uso de *siccome* — empregado prioritariamente como conjunção causal (“já que”) no italiano contemporâneo — pelo copista de G, observou-se que este o adotou no lugar de *quasi come* (“quase como”) [EC: 69.15], *imperò che* (“já que”) [EC: 71.21], *così come* (“assim como”) [EC: 78.19] e *si* (“assim”) [EC: 97.16]. A abrangência semântica de *siccome* G pode ser um indício de contato mais assíduo do copista de G com textos literários.

(ii) a substituição de *anche* (“também”) por *ancora* (adv. “ainda”; em textos literários, conj. “também”), ex.: (21) [...] *quando elli dicea: [...] Et **anke [G: ancora]** quando esso dicea [...] (EC: 10.17) [“quando ele dizia: [...] E **também** quando ele dizia [...].”]*

Situação similar à descrita no caso (i), esta foi identificada uma vez no excerto examinado (EC: 10.17) e outras quatro no restante do texto (EC: 34.4, 36.3, 42.12 e 46.34). Embora haja registro do uso de *anche* como advérbio em textos literários, todas as ocorrências dessa forma na EC correspondem ao seu valor como conjunção. Nesse sentido, pode-se supor que *anche* e *ancora* tenham sido empregados em A com valores distintos e bem definidos; ao passo que, em G, o copista parece tratar essas formas como equivalentes em todos os usos. Vale ressaltar que essa substituição típica do testemunho G aparece uma vez em P (EC: 48.20) e também pode indicar o contato do copista de G com textos literários.

(iii) as substituições por sinônimo com alteração de classe: (22) [verbo substantivado > substantivo] *allo legare* [“ao **se unir**”] > G: *allo leghame* [“à **união**”] (EC: 1.7); (23) [adjetivo > verbo] *fa [...] tranquilla la mente* [“torna **tranquila** a mente”] > G: *fa [...] tranquillare la mente* [“faz **tranquilizar** a mente”] (EC: 8.7); (24) [substantivo > verbo] *per golositade di guadagno* [“por **gluttonaria/avidez** de conquista”] > G: *per golositade ghuadangiare* [“por **gluttonaria/avidez** conquistar”] (EC: 9.16).

Essas substituições foram verificadas exclusivamente no testemunho G e, dada a complexidade de sua natureza, podem sugerir certo domínio da língua escrita por parte do copista.

(iv) a substituição de *questo* (“este”) por *questi* (“esta pessoa”), pronome demonstrativo masculino, usado em textos literários, exclusivamente com verbo no singular ocupando especialmente a função de sujeito. Ex.: (25) *Ma vero è ke **questo [G: questi]** è minore [...] (EC: 10.24) [“Mas certo é que **este [G: esta pessoa]** é inferior/menor [...].”]*

Essa substituição, também encontrada em EC: 59.27, pode denotar contato regular do copista de G com textos literários.

As outras substituições observadas em G no excerto considerado ocorrem apenas uma vez e não parecem denotar identidade dialetal de seu copista ou datação do testemunho em relação aos demais.

Casos relativos ao testemunho P

(i) a substituição de *quegli/quelli* (“aquela pessoa”) e *questi* — pronomes demonstrativos masculinos usados em textos literários, exclusivamente com verbo no singular, ocupando especialmente a função de sujeito — por *quello* (“aquele”) e *questo* (“este”), respectivamente. Ex.: (26) *Chi è **quegli [P: quello]** ke udendo queste cose [...] (EC: 10.5) [“Quem é **aquela pessoa [P: aquele]** que ouvindo estas coisas [...].”]; (27) [...] *non puote acquistare nulla **quelli [P: quello]** ke sé stesso destrugge [...] (EC: 22.21) [“[...] não pode conquistar nada **aquela pessoa [P: aquele]** que a si mesma destrói [...].”]; (28) [...] *veramente **questi [P: questo]** è misericordioso. (EC: 2.23) [“[...] verdadeiramente **esta pessoa [P: este]** é misericordiosa.”]***

Das 13 ocorrências do pronome *quegli/quelli* na EC, 10 são substituídas por *quello* em P (EC: 3.19, 10.5, 15.9, 15.24, 16.28, 22.21, 23.7, 31.5, 32.20 e 77.25) e uma por *quellui* (EC: 1.27) — forma não registrada nos dicionários gerais consultados (*De Mauro* (2000) e *Zingarelli* (2011)) nem no *Vocabolario della Crusca*, mas que se supõe equivalente à *quello/quegli* e ter a mesma etimologia de *colui* “aquele”, esta derivada do advérbio **(ĕc)cŭ(m) + illŭi* (forma originariamente de dativo, que teria substituído *illŭi* por analogia com *cŭi* (cf. D’ACHILLE, 2007, p. 83-87). Nas duas ocorrências restantes de *quegli/quelli* (EC: 10.6 e 40.27), P não faz substituição. Das 9 ocorrências do pronome *questi* no texto crítico, P omite uma (EC: 1.22) e substitui 5 por *questo* (EC: 2.23, 13.6, 34.19, 57.12 e 57.23).

Contrariamente ao observado no testemunho G, a preferência de P pelas formas terminadas em -o pode denotar influência da modalidade oral da língua italiana na composição do impresso.

(ii) a substituição de *picciol(o/a/e/i)* (“pequeno; humilde”) por *picol/piccol(o/a/e/i)*. Ex.: (29) *Guardati dalle cose **picciole (P: piccole)**, acciò ke tu non caggi dalle cose grandi. (EC: 3.11) [“Resguarda-te pelas coisas **pequenas**, a fim de que tu não caias pelas coisas grandes”].*

No texto crítico, *piccol(o/a/e/i)* aparece 21 vezes e *picciol(o/a/e/i)*, 8; ao passo que, em P, ocorre apenas a primeira. Trata-se de variantes com o mesmo valor semântico e igualmente antigas. O *Vocabolario* registra abonações de ambas em textos de Boccaccio. Entretanto, o *Zingarelli* (2011) restringe ao uso literário o emprego de *picciol(o/a/e/i)* como adjetivo. Nesse sentido, a absoluta preferência de P pela outra forma — *piccol/piccol(o/a/e/i)* — pode sugerir, como no caso anterior, um afastamento desse texto em relação ao “padrão” literário e ao arquétipo do LAIS, onde haveria variação. Além disso, este é um caso de variância fônica, o que não nos permite descartar a hipótese de ter havido influência do dialeto do editor de P (provavelmente, veneziano).

(iii) a substituição de *apparare* (e respectivas formas flexionadas) por *imparare*. Ex: (30) [...] *ma parla con ordine in modo d'apparare [P: imparare] [...]* (EC: 5.4) [...] *mas fala organizadamente de modo a aprender [...]*.

Na EC, a variante *apparare* aparece 17 vezes (EC: 5.4, 13.11, 13.32, 16.28, 17.24, 20.29, 43.4, 49.16, 50.32, 55.3, 57.28, 62.17, 65.24, 67.3, 67.4, 68.23, 69.13); e *imparare*, apenas uma (EC: 75.26). Em B, só há ocorrências de *apparare*. Em P, ao contrário, esta variante não aparece, sendo substituída pela segunda em nove casos — três considerados erros separativos (EC: 5.4, 67.4, 69.13) e seis erros conjuntivos com G (EC: 20.29, 50.32, 62.17, 65.24, 67.3, 68.23).

O *Zingarelli* (2011) registra *apparare* como forma obsoleta, restrita ao uso literário. O *De Mauro* (2000) apenas assinala a datação das variantes: *apparare* (1ª metade do séc. XIII) e *imparare* (1313-19). Considerando que ambas figuram em abonações extraídas de Dante e Boccaccio no *Vocabolario degli Accademici della Crusca*, é difícil afirmar ao certo qual das variantes seria a mais antiga. Todavia, levando em conta a preferência por *apparare* nos testemunhos mais antigos (A e B) e a presença absoluta de *imparare* na edição *princeps*, é possível postular que o editor de P tenha feito modernizações no texto.

(iv) a substituição de *akatteria* (“hábito de pedir esmola/esmolaria”) por *cerataria*. Ex: (31) [...] *e guasti l'onor tuo sottopognendoti all'akatteria [P: cerataria] delle cose ad nome d'altrui [...]* (EC: 8.36) [...] *e corrompa a tua honra, submetendo-te à esmolaria das coisas em nome de outrem [...]*.

Visto que a forma de P não foi encontrada nos dicionários gerais *Zingarelli* (2011) e *De Mauro* (2000) nem no *Vocabolario della Crusca*, não se pode afirmar que seja sinônima da forma fixada na EC e presente nos testemunhos toscanos (A, B e G). Em contrapartida, a ausência desse registro pode sugerir que se trate de uma forma pertencente ao dialeto do editor do texto.

Os demais casos de substituição por sinônimo com manutenção do número de itens relativos ao testemunho P e notados no trecho da EC tomado em consideração não parecem indicar identidade dialetal do seu editor ou datação da linguagem em relação aos testemunhos A, B e G.

3.2.2 - Substituições por sinônimo com mudança no número de itens originais

As substituições por sinonímia com mudança no número de itens originais foi bem rara no trecho analisado. Notaram-se dois padrões, cada qual representado por três ocorrências: (i) item único > dois itens, (ii) dois itens > item único. No caso que foge a esses padrões, há substituição de três itens por dois. Na sequência, cada caso será descrito e comentado.

Item único > dois itens

(i) *contra* > B: *controad* “contra” (EC: 5.21)

Ao analisar o texto completo da EC e a edição paleográfica de B (VILAÇA, 2008), constatou-se que neste testemunho não há assimilação fônica nos casos em que a preposição *contro* (“contra”) está diante de preposição *a(d)* (EC: 5.12, 5.17-18, 5.21, 9.5, 15.5-6, 19.28, 23.15, 26.16, 35.11, 35.17, 36.15, 52.15 e 59.5). Em G, essa assimilação só não acontece em dois pontos do texto (EC: 9.5 e 43.10). Em A e P, há assimilação em todas as ocorrências de *contro* + *a(d)* > *contra*.

(ii) *ki* “quem” > P: *collui che* “aquele que” (EC: 1.22)

Esta substituição de P também foi encontrada em EC: 68.24. Também neste caso, não se pode considerar que esse comportamento caracterize o testemunho P, já que nas outras 67 ocorrências de *ki/chi* este é mantido em P. É importante mencionar que G faz esse tipo de substituição em um ponto do texto (EC: 36.22) e a inverte (*colui che* > G: *Chi*) em dois outros pontos (EC: 90.5 e 90.11); ao passo que B substituiu *chi* por *kiumque* em EC: 69.6. A escassa frequência da substituição de *ki/chi* pelo equivalente *colui che*, possivelmente mais relacionado à escrita do que à oralidade, pode indicar uma tendência nada sistemática de correção do modelo.

(iii) *benedicendo* “bendizendo” > BP: *dicendo bene* “dizendo bem (isto, em italiano, pode significar “dizer coisas boas, acertadas”)” (EC: 5.1)

Considerando que não há outra ocorrência do verbo *dire* “dizer” seguida de “bene” em nenhum dos quatro testemunhos colacionados na EC, o caso pode ser interpretado como uma inovação presente em β (cf. FIGURA 1) e transmitida a BP ou como erro poligenético de substituição por sinônimo ou, mais dificilmente, erro por alteração de ordem. Fato é que a variante presente em BP não pode ser explicada como fruto de aloglossia ou diacronia.

Dois itens > item único

(i) *infino a*] P: *infina* “até que/quando” (EC: 10.13)

A palavra *infino* (“até”), assim como sua variante *insino*, aparece no LAIS quase sempre compondo a locução conjuntiva *infino a(d) tanto che/infinitanto che* (“até que”, “até quando”), por esse motivo, supõe-se que a substituição aqui referida seja um caso de assimilação fônica, muito frequente nos testemunhos A e P.

(ii) *le quali* “as quais”] P: *che* “que” (EC: 1.17)

Tal substituição de P também foi constatada em dois outros pontos do texto (EC: 57.13 e 67.23, esta conjuntamente com G). Ainda assim, não se trata de uma substituição sistemática característica do testemunho impresso em Veneza, visto que, em inúmeras outras ocorrências de *le quali/(l)i quali/la quale/il quale/lo quale*, estas formas são mantidas.

Lorenzetti (2007, p. 79-81), ao tecer comentários acerca do “*che* polivalente”, forma não específica do pronome relativo, chama atenção para o fato de que os usos contemporâneos desse pronome, geralmente relacionados ao italiano popular, não são uma inovação; ao contrário, constituem o reaparecimento e difusão de fenômenos antigos ligados à dimensão oral do italiano. Embora, no excerto analisado, tal substituição tenha sido verificada em P, é no testemunho G que esta se mostrou mais frequente quando pesquisada no texto completo. Além da já referida ocorrência compartilhada com P, G substituiu a forma mais ligada ao registro escrito pela mais popular em 9 casos (cf. EC: 13.5, 61.7, 61.11-12, 61.20, 64.14-15, 66.20, 89.26, 90.17-18 e 99.8-9). Já a substituição invertida, de *che/k'* por *la quale/le quali*, só aparece duas vezes, uma em P (EC: 39.7) e outra em G (EC: 100.14). Esses dados podem indicar que o copista de G, anteriormente caracterizado como alguém que tinha constante contato e conhecimento da variante literária da língua italiana, tenha substituído formas literárias por populares neste caso. Vale mencionar ainda que a substituição da forma relacionada à língua escrita por *che* ocorre somente uma vez em A (EC: 15.24) e uma em B (EC: 55.1).

(iii) *gli altri* “os outros”] G: *altrui* “outrem, outra pessoa, os outros” (EC: 4.14)

Em (32) [...] *et poi essi k'hanno vivificati gli altri* [...] (EC: 4.14) “[...] e depois que eles vivificaram [converteram] **os outros** [G: **outrem**] [...]”, G substituiu o pronome indefinido masculino plural pelo pronome indefinido invariável, restrito ao uso literário (segundo Zingarelli (2011)). Tal substituição em G (também observada em P noutro ponto do texto (EC: 98.8)), apesar de só ter aparecido uma vez na EC, pode corroborar a hipótese do contato com a língua literária por parte do seu copista. No entanto, é bom ressaltar que a forma *altrui* é frequente no texto crítico (40 ocorrências) e figura nos quatro testemunhos, sendo omitida por G uma vez (EC: 96.18) e, em alguns casos, substituída por: *gli altri* ou *altri* em G e P (EC: 60.5 e 97.28); *alchuna anima* e *alchuno* apenas em G (EC: 72.11 e 95.10).

Três itens > dois itens

O único caso com esse tipo de substituição no trecho analisado foi encontrado na seguinte frase: (33) *Questi è misericordioso, e non colui che fa misericordia ai fratelli pur de' doni [G: per guidardonj] temporalì.* (EC: 2.22) [“Este (esta pessoa) é misericordioso, e não aquele que faz misericórdia aos a fim de [obter] dádivas [G: por recompensas] mundanas.”]. A equivalência semântica e a semelhança gráfica entre a forma de ABP e a de G permitem postular que o modelo usado por pelo copista de G apresentasse a forma presente em ABP, a qual explicaria a origem da variante típica do uso literário encontrada em G¹⁵. Essa hipótese é reforçada pelo já sugerido contato do copista de G com textos literários e consequente domínio da língua escrita. É importante salientar, entretanto, que o substantivo *guidardon(i)*, assim como o verbo *guiderdonare*, não são registrados exclusivamente no testemunho G, mas aparecem em três pontos do texto em que ABGP estão de acordo (cf. EC: 8.12, 8.30 e 60.25).

Conclusões

O estabelecimento do texto crítico do LAIS por Vilaça (2012) contou com a comparação de quatro testemunhos preparados em duas diferentes localidades da Itália: três manuscritos na Toscana (A, B e G) e um impresso em Veneza (P). Os manuscritos A e B possuem datação próxima e, segundo a maioria das propostas, ambos teriam sido copiados no segundo quarto do século XIV, sendo A um pouco mais antigo do que B. O manuscrito G teve sua cópia concluída no início do século XV, ano 1406. Pouco menos de um século depois, em 1500, P foi publicado. Essas diferenças relativas ao lugar de origem e à datação dos testemunhos motivaram a pesquisa aqui apresentada, a qual teve como objetivo investigar possíveis relações entre erros por substituição em nível morfológico e por sinônimo e casos de aloglossia ou de diacronia.

Com relação à aloglossia como elemento motivador de substituições, verificou-se que, no geral, não há indícios comprováveis de influência das variedades dialetais dos responsáveis pela reprodução dos testemunhos A, B, G e P no processo de transcrição do LAIS. Apenas dois dos casos pesquisados, a substituição de *akatteria* por *cerataria* e de *picciol(o/a/e/i)* por *piccol(o/a/e/i)* em P, permanecem como possibilidades de influência do dialeto do editor desse testemunho, o único não toscano.

Especialmente interessantes foram algumas substituições por sinônimo em G para as quais se postulou influência do conhecimento/contato do copista desse testemunho com textos literários e consequente domínio da língua escrita. Apesar de não se tratar de outra língua (sistema), a modalidade escrita é outra norma da língua. O domínio dessa modalidade pode ter feito com que o copista de G tenha tido a intenção de “corrigir” ou “melhorar” o texto em certos pontos. Em contrapartida, a preferência de P pelas formas terminadas em -o dos demonstrativos *quello* e *questo* em detrimento das variantes literárias em -i (*quegli/quelli* e *questi*) pode denotar influência da modalidade oral do italiano na composição do impresso.

Quanto à diacronia como motivação para substituições, os dados relativos ao nível morfológico, por sua quantidade e natureza, foram mais significativos dos que os de sinonímia. A análise das formas variantes de subjuntivo presente historicamente relacionadas revelou principalmente que o testemunho G é o que faz mais modernizações e serviu para corroborar as hipóteses de que o testemunho A possui a linguagem mais antiga, seguido por B e G, respectivamente. Entretanto, ocorrências de *avere* em função nitidamente gramatical em A e P serviriam como argumento para refutar a afirmada antiguidade do testemunho A em relação aos demais manuscritos comparados. Ainda assim, tal hipótese não pode ser invalidada, graças ao grande número de dados (linguísticos, codicológicos e paleográficos) que a atestam e à escassez do número de ocorrências de *avere* gramatical no trecho da EC analisado. Já a substituição de *apparare* (e respectivas formas flexionadas) por *imparare* em P confirma a presença de outras modernizações nesse testemunho.

¹⁵ Também por esse motivo, Vilaça (2012) usou o princípio “a lição que explica a origem de outra é preferível” (lat. *lectio quae alterius originem explicat potior*) no processo de reconstituição deste ponto do LAIS.

Referências bibliográficas

- BIBLIOTECA AGIOGRAFICA ITALIANA (BAI). *Repertorio di testi e manoscritti, secoli XIII-XV*. A cura di Jacques Dalarun, Lino Leonardi, Maria Teresa Dinale, Beatrice Fedi, Giovanna Frosini. Con la consulenza di Claudio Leonardi, Antonella Degl'Innocenti. Edizioni del Galluzzo e Fondazione Ezio Franceschini, 2003, Parte I.
- BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983 [reimpr.: 1990].
- CAINELLI, Emanuela. Sulla costruzione della frase negativa in italiano. *Accademia della Crusca*, 7. dez. 2007. Disponível em: <<http://www.accademiadellacrusca.it/en/italian-language/language-consulting/questions-answers/costruzione-frase-negativa-italiano>>. Acesso em: 30 nov. 2016.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____.; LARANJEIRA, Maíra Borges. Tipologia dos erros na tradição latina do 'Livro de Isaac'. *Caligrama*, v. 15, n. 2, p. 7-48, 2010.
- CHIALÀ, Sabino. *Dall'ascesi eremitica alla misericordia infinita: Ricerche su Isacco di Ninive e la sua fortuna*. Firenze: Leo S. Olschki, 2002.
- COPINGER, Walter Arthur. *Supplement to Hain's Repertorium bibliographicum or collections towards a new edition of that work*. Milano: Görlich, 1950. v. I, part II. Disponível em: <<https://archive.org/stream/cu31924092472103#page/n345/mode/2up>>. Acesso em: 30 nov. 2016.
- D'ACHILLE, Paolo. *Breve grammatica storica dell'italiano*. 2ª ed. Roma: Carocci editore, 2007.
- DE LUCA, Don Giuseppe (Ed.). *Prosatori minori del Trecento – Tomo I: Scrittori di religione*. Milano, Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1954. (*La letteratura italiana - storia e testi*, Volume 12 – Tomo I).
- DE MAURO. *Dizionario italiano De Mauro*. Ed. eletrônica, 2000.
- DE ROBERTIS, Teresa; MIRIELLO, Rosanna (Ed.). *I manoscritti datati della Biblioteca Riccardiana di Firenze*. Firenze: SISMELE – Edizioni del Galluzzo, 1999. V. II. Mss. 1001-1400.
- FRUGONI, Chiara. *Una solitudine abitata*: Chiara d'Assisi. Roma: GLF editori Laterza, 2006.
- GALLO, M.; BETTILOLO, P. (Tr.). ISACCO DI NINIVE. *L'ebbrezza della fede*. Discorsi ascetici, v. 1. Roma: Città Nuova, 1984.
- GIOVÈ, Nicoletta; ZAMPONI, Stefano. Manoscritti in volgare nei conventi dei frati minori: testi, tipologie, scritture (secoli XIII-XIV). In: *Francescanesimo in volgare: secoli XIII-XIV*. Atti del XXIV Convegno internazionale, Assisi, 17-19 ottobre 1996. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1997, p. 303-336.
- GRAMIGNI, Tommaso. *I manoscritti della letteratura italiana delle origini conservati nella Biblioteca Riccardiana di Firenze*. Analisi paleografica e codicologica. Tese (Laurea in Paleografia latina). Firenze, Università degli Studi di Firenze, Facoltà di Lettere e Filosofia, 2004.
- IMSS = ISTITUTO E MUSEO DI STORIA DELLA SCIENZA. Catalogo multimediale: Biografie: Carlo Roberto Dati. Firenze, 2006. Disponível em: <<http://brunelleschi.imss.fi.it/museum/isim.asp?c=300162>>. Acesso em: 30 nov. 2016.
- Inventario e Stima della Libreria Riccardi*: Manoscritti e edizioni del secolo XV. Firenze, 1810.
- LAZZI, Giovanna. Isaac Syrus, *Collationes*, volgarizzamento di Angelo Clareno. In: LIONARDI, Claudio; DEGL'INNOCENTI, Antonella (Ed.). *I santi patroni: modelli di santità, culti e patronati in Occidente*. Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele III di Napoli, 3 giugno - 15 ottobre 1999, [S. l.], MBCA, 1999.
- LOPEZ, Athanasius (Ed.). *Descriptio codicum Franciscanorum Bibliothecae Riccardianae Florentinae*. «Archivum Franciscanum Historicum», VI, 1913.
- LORENZETTI, Luca. *L'italiano contemporaneo*. Roma: Carocci editore, 2007.
- MANNI, Domenico Maria. *Vite di alcuni santi scritte nel buon secolo della lingua toscana*. Tomo IV. Firenze: Appresso Domenico Maria Manni, 1735.

MILLER, Dana. (Tr.). *The ascetical homilies of St. Isaac the Syrian*. Boston, Mass.: The Holy Transfiguration Monastery, 1984.

MIRIELLO, Rosanna. *I manoscritti del Monastero del Paradiso di Firenze*. Firenze: SISMELE Edizioni del Galluzzo, 2007.

MORPURGO, Salomone. *I manoscritti della R. Biblioteca Riccardiana di Firenze*. Manoscritti italiani. Volume primo. Roma, Ministero della Pubblica Istruzione, 1900.

PINI, Alberta. *I manoscritti riccardiani provenienti dalla biblioteca d'Anton Maria Salvini*. Università Degli Studi di Firenze, Facoltà di Lettere, 1975.

RIGOLI, Luigi. *Illustrazioni di vari codici Riccardiani*, ca. 1794 – 1810. (Firenze: Biblioteca Riccardiana, Ricc. 3582).

RONCAGLIA, Aurelio. *Principi e applicazioni di critica textuale*. Roma: Bulzoni, 1975.

SCURICINI GRECO, Maria Luisa. *Miniature Riccardiane*. Firenze: Sansoni Antiquariato, 1958.

VILAÇA, Cynthia Elias de Leles. *Edição e estudo linguístico das traduções em línguas românicas do tratado ascético medieval "Livro de Isaac": subsídios para o estudo da tradição italiana*. Relatório final Iniciação Científica. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

_____. A tradição textual de uma obra medieval em italiano: o caso do 'Livro de Isaac'. In: *Anais do X Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: Instituto de Letras/UERJ, 2006. (CD-ROM).

_____. Estudo de variantes textuais em versões italianas do "Livro de Isaac". In: *Anais da VI Semana de Eventos da Faculdade de Letras*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007, p.1-12. (CD-ROM).

_____. *Libro dell'Abate Isaac di Siria* (cód. ricc. 1489 da BRF): edição e confronto com a edição princeps de 1500. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

_____. *Libro dell'Abate Isaac di Siria*: edição crítica e glossário. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

_____. Da história da língua para a história do texto: reconstrução da tradição do *Libro dell'Abate Isaac di Siria*. *Revista Italiano UERJ*, v.5, p.138-159, 2014.

_____. Tipologia dos erros na transmissão do *Libro dell'Abate Isaac di Siria*. *Revista da ABRALIN*, v. 3 [temático sobre Filologia e Crítica Textual], n. 16 (2), 03/2017. Versão online: ISSN 21778-7603. Versão impressa: ISSN 1678-1805.

Vocabolario degli Accademici della Crusca. Venezia, appresso Giovanni Alberti, 1612. Segunda impressão: Venezia, 1623. Terça impressão: Firenze, 1691. Quarta impressão: Firenze, 1738. Quinta impressão: Firenze, 1863. Todas as edições encontram-se disponíveis em: <http://www.lessicografia.it/cruscle/lettura_immagini.jsp>. Acesso em: 30 nov. 2016.

ZAMBRINI, Francesco. *Le opere volgari a stampa dei secoli 13. e 14. indicate e descritte da F. Zambrini*: suplemento con gli indici generali dei capoversi, dei manoscritti, dei nomi e soggetti, a cura di S. Morpurgo; pubblicato dalla Commissione per i testi di lingua. Bologna: Zanichelli, 1929.

ZINGARELLI, Nicola. *Lo Zingarelli*: Vocabolario della Lingua Italiana. Bologna: Zanichelli, versão eletrônica em DVD-ROM, 2011.

Edições impressas do Libro dell'Abate Isaac di Siria em italiano

BONETUM LOCATELLUM PRESBYTERUM (Ed.). *Il libro de l'abate Isaac de Syria de la perfectione de la vita contemplativa*. Venezia, 1500.

Buonaventuri, T. (Ed.). *Collazione dell'Abate Isaac, e Lettere del Beato Don Giovanni dalle Celle, Monaco Vallombrosano, e d'Altri*. Firenze: Gaetano Tartini e Santi Franchi, 1720.

DE LUCA, Don Giuseppe (Ed.). *Prosatori minori del Trecento*. v. 12, tomo 1. Milano, Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1954. p. 587-591.

GUALA-CAMPELLO, G. (Ed.). *Isaac Siro, Eremita di Monteluco*. Torino: Marietti, 1957.

SILVESTRINI, G. (Ed.). *Del Dispregio del Mondo*: Collazione dell'Abate Isaac e Lettere del Beato Gio. dalle Celle e di altri. Milano, 1839.

SORIO, B. (Ed.). *Collazione dell'Abate Isaac Recata alla Sua Vera Lezione con l'Aiuto e l'Autorità del Testo Latino Stampato a Venezia nel MDVI, col ms. Zanotti del MCCCCLIV e la Stampa di Venezia del MD e in Questa Biblioteca Messa a Stampa per Cura del P. Bartolomeo Sorio*. Roma: Tipografia dei classici sacri, 1845.